



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM LETRAS:
LÍNGUA PORTUGUESA / LIBRAS / LÍNGUA INGLESA**



RAPHAELA THAMILIS BARBOSA DOS SANTOS DE CASTRO

**SOLIDÃO, UM EXERCÍCIO DE LIBERDADE EM
QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA,
DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

AMARGOSA – BA

2021

RAPHAELA THAMILIS BARBOSA DOS SANTOS DE CASTRO

**SOLIDÃO, UM EXERCÍCIO DE LIBERDADE EM
QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA,
DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras, do Curso Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa / Libras / Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, orientada pelo Prof. Dr. Tarcísio Fernandes Cordeiro.

AMARGOSA – BA

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM LETRAS:
LÍNGUA PORTUGUESA / LIBRAS / LÍNGUA INGLESA



Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulada *Solidão, um exercício de liberdade em Quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus*, de autoria da graduanda RAPHAELA THAMILIS BARBOSA DOS SANTOS DE CASTRO, apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa / Libras / Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovada pela Banca Examinadora constituída por:

Prof. Dr. Tarcísio Fernandes Cordeiro – Orientador
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. André Luís Machado Galvão
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profa. Dra. Silvana Carvalho da Fonseca
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Amargosa – Bahia, 6 de outubro de 2021.

*Vê se não volta mais aqui. Eu já estou velha.
Não quero homens. Quero só os meus filhos.*

(Carolina Maria de Jesus, 2014, p.101)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que, com sua infinita bondade, tem permitido vivenciar esta experiência acadêmica, dando-me forças e me conduzindo, muitas vezes no colo, nos momentos difíceis nos quais me encontrei exaurida.

Agradeço a minha família, aos meus pais, especialmente ao meu pai Valter Borges dos Santos, pelo apoio incondicional, principalmente, ao longo desses anos difíceis, por ter me esperado, pacientemente, no estacionamento da universidade para me conduzir de volta ao lar e a minha mãe Maria do Rosário Barbosa pelo apoio, pelos conselhos e pelas orações. Aos meus filhos: Iasmin, Beatriz e Heitor, fontes de inspiração e motivos pelos quais resolvi persistir na caminhada, de modo resiliente, a esses longos e árduos anos acadêmicos. À minha irmã Lília Sacramento, por ter acreditado em mim, por ter me impulsionado a continuar, por me ajudar nas cópias e nas impressões de trabalho, enfim, pelo apoio, em geral. Sem vocês, ao longo desses anos, tudo seria mais difícil. Agradeço por terem estado comigo, dando-me suporte mesmo quando acreditei que não seria possível.

Agradeço às amigas que cultivei dentro e fora do curso de Letras, em especial, Edilane Almeida e Márcia Castro, pois foram importantes, não somente para formação acadêmica, mas também como cidadã que acredita que é por meio da educação que conseguiremos, de fato, o progresso no nosso país. Todas as conversas e os trabalhos, dentro e fora da sala de aula, foram de suma importância para viabilizar a busca pelo conhecimento.

A vivência em uma universidade vai além do caráter científico, no entanto, em tempos de sociedade líquida, olhar ao nosso redor, em meio a tantos compromissos, nos faz esquecer de que somos humanos e precisamos uns dos outros, por isso agradeço, não só ao corpo docente e discente, mas aos trabalhadores e trabalhadoras que sorriem quando damos e recebemos um “bom dia”, assim, tornando viva a universidade.

Também agradeço aos/às professores/as do curso de Letras, especialmente: Geisa Borges, Gredson Santos, Ângela Vilma, Fernanda Maria, Mônica Gomes, Valdo Oliveira, Jaqueline Lé e Jaqueline Semechechem. Mais que profissionais, revelaram-se pessoas que contribuíram muito para minha formação e foram, de extrema importância, atuando, não tão somente como meros mediadores de conhecimento, mas como seres humanos que compreendem os desafios e obstáculos que passamos. Por isso, foram essenciais para minha permanência dentro da universidade.

Quero externar a minha gratidão ao professor do curso de Pedagogia Carlos Adriano Oliveira. Foi por intervenção desse educador que conheci a história de Carolina Maria de Jesus e sua obra *Quarto de Despejo*. Com isso, pude reacender o desejo de concluir o meu curso, estudando a obra de uma mulher tão especial, tão inspiradora e que precisa ser mais conhecida, reconhecida e imortalizada dentro do universo literário. Tenho a convicção de que se não fosse os diálogos que pude manter com o Prof. Carlos Adriano, eu teria desistido!

Agradeço, especialmente, à professora Ana Rita Santiago pela honra de ser sua orientanda, na fase inicial dessa pesquisa. Essa educadora é uma pessoa tão excepcional, tão sábia que irradia a luz do conhecimento por onde passa. Obrigada pela disposição e pela confiança. Tenho orgulho por ter convivido com essa atmosfera de saber que és, pois sua história, garra e capacidade de romper com as barreiras do preconceito e do comodismo me fizeram perseverar e acreditar que, por meio da educação, tudo é possível. Não tenho palavras, para expressar a gratidão que sinto!

Expresso também minha gratidão àqueles profissionais que aceitaram, gentilmente, compor a banca examinadora do presente trabalho, nas pessoas da professora Silvana Carvalho da Fonseca e do professor André Luís Machado Galvão, cujas avaliações, comentários e contribuições enriquecem o presente estudo.

Do mesmo modo, agradeço ao meu orientador, Tarcísio Fernandes Cordeiro, por ser o anjo enviado por Deus, na minha vida, para me auxiliar na fase final dessa pesquisa. Para além de um profissionalismo excepcional, demonstrou ser um humano mais de grande sensibilidade, um ser iluminado de conhecimento, não tenho como externar a minha gratidão. Pois, sem suas orientações, sua persistência, sem o seu apoio, jamais poderia galgar a concretização da minha graduação!

E, não poderia deixar de agradecer, à escritora Carolina Maria de Jesus pela sua história de superação e por me inspirar todos os dias da vida, pois comungo das mesmas lutas diárias para criar os meus três filhos, em uma sociedade tão desigual e cruel, que nos torna invisíveis pelo fato de não termos um poder aquisitivo elevado ou, ainda, pelo tom da pele, enfim, por não atender aos padrões da sociedade. Entretanto, Carolina! Você conseguiu me dar forças, quando pensei que não conseguiria continuar.

RESUMO

O presente trabalho está embasado na escrita de autoria feminina disposta na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), da escritora negra Carolina Maria de Jesus. Pretende-se analisar o “eu solitário” da autora, problematizando a opção pela solidão conjugal como um ato de livre arbítrio, por escolha própria da narradora-personagem, almejando ser livre. Desse modo, desviando-se dos padrões sociais recorrentes no espaço de sua vivência, a Favela do Canindé, situada na capital paulista. Num contexto desfavorável, essa narrativa testemunhal revela a opção por uma vida sem companheiros fixos, no qual uma mulher é desafiada a criar seus três filhos, superando inúmeros obstáculos, a fome, a pobreza, a falta de um emprego, o preconceito e as doenças. Para tanto, fez-se uso do método bibliográfico e de estudos sobre a vida dessa escritora para viabilizar uma interpretação fundamentada na obra em estudo. O objetivo é perceber como o desejo de se tornar uma escritora, fez com que Carolina optasse por não assumir relacionamentos duradouros pois, a autora avaliava a partir da observação direta do seu entorno, que tal opção agravaria a condição de pobreza e exploração em que vivia. No caso em análise, não se trata de uma mera imposição circunstancial, mas de uma postura refletida diante do cenário apresentado. Essa resistência, em alguma medida, serve de mote para o registro, em seu diário, de diversas passagens sobre a violência doméstica vivenciada por outras mulheres da favela, bem como, sua estratégia para superar as frustrações e as dificuldades ocasionadas por sua opção de vida. Carolina não se restringe a ser solitária, impotente, estaque no desamparo, mas sim uma solidão conjugal dotada de múltiplas possibilidades de viver, exercendo a sua liberdade. E, assim, com esse exemplo de superação, nota-se uma grande perspectiva de fomentar a inspiração no público, sugerindo a ruptura da opressão em diversos níveis, do preconceito, do machismo, em prol da igualdade de gênero. Afinal, não podemos corroborar com a legitimação de problemas como os supracitados que persistem no seio da sociedade contemporâneo e mutilam a igualdade e a justiça social.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Quarto de despejo; Solidão.

ABSTRACT

This paper is based on the female writing authorship disposed in *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), by the black writer Carolina Maria de Jesus. It intends to analyse the "solitary self" of the author, problematizing the option for marital loneliness as an act of free will, by choice of the narrator-personage, aiming to be free. In this way, she deviates from the social patterns recurrent in the space where she lives, the Canindé Slum, located in the capital of São Paulo. In an unfavourable context, this testimonial narrative reveals the option for a life without fixed partners, in which a woman is challenged to raise her three children, overcoming numerous obstacles, hunger, poverty, lack of a job, prejudice, and disease. To do so, the bibliographical method and studies about the life of this writer were used to enable an interpretation based on the work under study. The objective is to understand how the desire to become a writer made Carolina choose not to assume long-lasting relationships because the author evaluated, based on direct observation of her surroundings, that such an option would worsen the condition of poverty and exploitation in which she lived. In the case under analysis, it is not a mere circumstantial imposition, but a reflected posture before the scenario presented. This resistance, to some extent, serves as the motto for the record, in her diary, of several passages about domestic violence experienced by other women in the slum, as well as her strategy to overcome the frustrations and difficulties caused by her life choice. Carolina is not restricted to being lonely, impotent, and stagnant in her helplessness, but a conjugal loneliness endowed with multiple possibilities of living, exercising her freedom. And, thus, with this example of overcoming, one notices a great perspective of fomenting inspiration in the public, suggesting the rupture of oppression in several levels, of prejudice, of machismo, in favour of gender equality. After all, we cannot support the legitimization of problems such as the ones mentioned above that persist within contemporary society and mutilate equality and social justice.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; *Quarto de despejo*; Loneliness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CAROLINA MARIA DE JESUS: A ESCRITA DE UMA VIDA.....	13
2 VIVER EM SOLIDÃO, MAS NÃO SOLITÁRIA	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	29

INTRODUÇÃO

*Ah, comigo o mundo vai modificar-se.
Não gosto do mundo como ele é.
(Carolina Maria de Jesus)*

O presente estudo, “Solidão: um exercício de liberdade, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus”, tem como objetivo analisar a obra-mestra dessa autora, originalmente publicada em 1960, com o intuito de problematizar a solidão conjugal como ato de escolha e resistência, não de imposição ou abandono.

O presente trabalho é fruto de uma grande admiração pela vida de uma escritora negra detentora de uma excepcional história de luta, garra, força e resistência que é Carolina Maria de Jesus, ao qual tive o prazer de conhecê-la através das aulas ministradas pelo professor Carlos Adriano Oliveira, durante o componente curricular *Educação e Africanidades*. Também motivou este trabalho monográfico a socialização da autora, na obra, de vários dilemas diários vividos para sustentar os seus filhos em condições muito adversas, dentre elas a ausência de emprego regular. Em verdade, senti-me abraçada e acolhida, principalmente, por estar imersa em uma situação de vida delicada tal qual a da escritora.

Além disso, pelo enfretamento de muitos dissabores dentro do universo da própria universidade, encontrava-me prostrada, apática e a ponto de abdicar da vida acadêmica, visto que as demandas diárias de sobrevivência rasgavam e abatiam os meus ideais, tornando-me inapta em busca dos sonhos e melhorias. Portanto, senti-me inspirada ao tomar contato com os relatos de uma mulher negra que, embora não fosse escolarizada e vivendo em condições sub-humanas, na década de 1960, lutou por sua dignidade. Imbuída de muita força moral, essa mulher negra conseguiu driblar, com muita habilidade e resiliência, os obstáculos e, deliberadamente, fez uso da sua escrita como válvula de escape. De uma mísera catadora de papel, passou a ser a escritora de uma obra literária conhecida globalmente e traduzida em várias línguas.

Diante dessa narrativa de superação, absorvi os relatos do diário de Carolina Maria de Jesus como fonte de inspiração para galgar os meus suprimidos sonhos. Portanto, reconheço a relevância de estudar essa obra, na conclusão do meu curso de licenciatura, e reavivá-la no âmbito literário.

Concernente à literatura brasileira, é importante ressaltar que ainda existe o apagamento da memória cultural e intelectual de negros/as que compõe nosso histórico social. O que nos

incita a pensar que o histórico cruel e desumano dificulta o empoderamento do povo negro, pois a pouca representatividade na mídia, na literatura e nas artes atrapalha esse processo.

Destarte, na literatura contemporânea, nomes que fazem parte da cultura brasileira não são devidamente lembrados, nem pela academia, nem pela mídia, provavelmente em virtude do racismo presente em nossa sociedade. Estudo recente, conduzido pela pesquisadora Regina Dalcastagnè, “Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades” (2021), sobre as personagens do romance brasileiro contemporâneo chegou à conclusão que: “Se negros e pobres pouco apareciam como personagens, como produtores literários eles eram quase inexistentes nos catálogos das grandes editoras” (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 110).

Nota-se, assim, a exclusão de pessoas negras em nosso cânone literário. Desse modo, é imprescindível o estudo da cultura afro-brasileira. Nesse sentido, um dos nomes que merece destaque é o de Carolina Maria de Jesus, principalmente, por sua resistência e trajetória de vida. Para tanto, é preciso considerar a árdua luta das/dos negras/os no processo de inclusão, ou melhor de sobrevivência, em meio ao preconceito racial, agravado pelo preconceito social.

Esse cenário, absolutamente desfavorável, no qual a escritora, nascida em 1914, na cidade de Sacramento, Minas Gerais, produziu sua obra. Livros que foram traduzidos para mais de dez idiomas, dentre eles, romances, contos e poemas. Deve-se reconhecer, que a autora de *Quarto de despejo, diário de uma favelada* precisou de ajuda para se lançar no mercado editorial. A contribuição de Audálio Dantas não pode ser desconsiderada, nesse cenário de múltiplas exclusões. Afinal, a sagacidade do jornalista que a ouviu discutindo com seus vizinhos, quando os ameaçava registrá-los em seu livro, possibilitou o lançamento da obra inaugural de Carolina Maria de Jesus. A partir desse encontro, a escritora teve a oportunidade de mostrar para todos o que mais gostava de fazer: escrever.

Em sua obra-mestra, a autora faz uso de uma crítica ácida à barreira criada pelo racismo e pelo preconceito social, relatando como esse problema foi um empecilho para que ela atingisse a sonhada ascensão social. Nesse aspecto, ter Carolina Maria de Jesus, como narradora, é crucial para a cultura, memória e literatura afrodescendentes. A escritora é símbolo de resistência e representatividade para mulheres negras que continuam em situações precárias e que são, a todo o momento, subjugadas por uma sociedade que, apesar de levantar a bandeira da miscigenação, esconde o seu preconceito com argumentos originados no mito na democracia racial.

Assim, o presente trabalho procura analisar o livro *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, publicado no final do ano de 1960, a partir do discurso estabelecido pela própria

autora-personagem-narradora, discutindo algumas das facetas da violência a que ela fora submetida. Contudo, o foco principal recairá na questão da solidão da mulher negra, encenada ao longo de toda a história. Aqui a solidão conjugal será abordada a partir de uma perspectiva de escolha, como exercício da própria liberdade e não como uma condição de abandono.

A presente pesquisa é de natureza bibliográfica com análise interpretativa da obra. O aporte teórico deste estudo se fundamentou na obra *Carolina: uma biografia*, de Tom Farias (2017) e nos artigos *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*, de José Carlos Sebe Bom Meihy (1998) e *Crítica genética e crítica biográfica*, de Eneida Maria de Souza (2010). A hipótese principal do estudo foi de que a solidão conjugal, vivenciada pela autora Carolina Maria de Jesus, é resultante da sua livre escolha e contribuiu para o seu projeto de emancipação através da literatura.

Para além dessa introdução e das considerações finais, esse estudo está dividido em duas partes. Na primeira seção, sob o título de “Carolina Maria de Jesus: a escrita de uma vida”, tecerei considerações acerca da biografia e das memórias de Carolina Maria de Jesus, com o intuito de salientar pontos cruciais de sua vida que podem ter contribuído para o sonho de se tornar uma escritora. Na ocasião, será apresentado o contexto social e espacial que possibilitou essa denúncia narrativa, além da problemática que permeia a vida da autora que compartilha suas histórias e de outras pessoas da Favela do Canindé, enfocando as condições sub-humanas que assolam aqueles que, lamentavelmente, são impelidos por forças das circunstâncias a vivenciar tais situações.

A segunda seção, intitulada “Viver em solidão, mas não solitária”, tratarei a respeito da solidão e suas especificidades na obra em estudo, visto que Carolina Maria de Jesus decide, por livre escolha, viver a solidão de um modo distinto e peculiar do que comumente se observava no contexto no qual estava inserida. Essa opção pela solidão, age como uma força motriz que permitiu a autora consolidar o seu grande sonho: escrever um livro e torná-lo acessível ao mundo. Para tal, o ponto focal desta discussão estará centrado nas histórias afetivas, compartilhadas pela autora, relacionadas a sua própria história como também de outras mulheres do seu entorno, no âmbito de justificar e fundamentar os benefícios de sua escolha deliberada de viver a solidão conjugal como sinônimo de liberdade.

1 CAROLINA MARIA DE JESUS: A ESCRITA DE UMA VIDA

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora
(JESUS, 2014, p. 31).

O ano era 1914, possivelmente 14 de março, quando nasceu Carolina Maria de Jesus, na cidade interiorana de Sacramento nas Minas Gerais. O que se sabe até o momento, uma vez que não era comum as famílias desprovidas de recursos financeiros registrarem seus filhos em cartórios. Esse fato, possibilitou o surgimento de várias datas referentes a seu nascimento. De todo modo, Bitita, apelido carinhoso dado pelos familiares, era filha de Maria Carolina de Jesus e João Cândido Veloso, fruto de uma relação extraconjugal, pois a mãe era casada, formalmente, com outro homem. O então marido de Maria, parece não ter assumido as responsabilidades para prover o lar, tendo Cota, como era conhecida a genitora de Carolina, passado a condição, inevitavelmente, de chefe da família, sendo, portanto, Carolina considerada uma filha bastarda. Fato este que fez com a criança não conhecesse o seu genitor, embora ouvisse histórias sobre as aventuras do pai, como boêmio, e demonstrasse interesse em conhecê-lo.¹

Morava com sua mãe e seu irmão em um sítio pertencente ao seu avô materno, Benedito José da Silva na sua terra natal, por quem mantinha uma profunda relação de afetuosidade calcada na admiração e no respeito. Aos seis anos, ingressou nos estudos no Colégio Alan Kardec, por interposição da Dona Mariquinha Saturnino, para quem a sua mãe trabalhava como lavadeira. Estudou apenas por dois anos, os quais foram preponderantes, pois o colégio possuía uma educação inovadora pautada no alto desenvolvimento, fator que suscitou na menina, em tenra idade, o apreço pela leitura e pela escrita.

Em sua obra intitulada “*Diário de Bitita*”, Carolina detalha todo o processo de alfabetização, enfatizando a relevância da saudosa professora Lonita Solvina. Inicialmente, não tinha aptidão pelos estudos, mas, diariamente, cumpria com a obrigatoriedade das atividades. Contudo, em certa ocasião, a professora chamou sua atenção para a importância da leitura e da escrita na construção de um futuro promissor. Essa cena foi assim descrita:

Ela percebendo que eu não me interessava pelos estudos desenhou no quadro-negro um homem com um tridente nas mãos que transpassava uma criança e disse-me:

¹ As informações biográficas, presentes nesta seção, foram extraídas da obra: FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

– Dona Carolina, este homem é o inspetor. A criança que não aprende a ler até o fim do ano ele espeta no garfo. No fim do ano ele vem aqui e eu vou apresentá-la a ele e pedir-lhe que dê um jeito na senhora, porque a senhora não quer estudar. Ele há de espetá-la no garfo (JESUS, 1986, p. 125).

Esse episódio lhe causou forte impacto, a ponto de lhe convencer a estudar. Pouto tempo depois, ao perceber que já sabia ler, ao sair da escola, transitava pelas ruas lendo tudo que cruzava o seu caminho. Entretanto, quando chega em casa, emerge na tristeza, ao não encontrar nenhum livro para ler. Carolina, vê-se inserida num lar de tradição oral, do que poderíamos denominar cultura griot. Consegue, após alguma insistência, com a vizinha um livro emprestado, o romance *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães. Então, Carolina desperta uma paixão pela leitura e a literatura lhe conquista efetivamente.

A família de Carolina era muito humilde e, enquanto negros, sofriam os resquícios do preconceito e da falta de inclusão em uma sociedade pós-abolição. Dessa forma, a menina ao crescer um pouco teve que abdicar dos estudos em prol do trabalho, juntamente com sua mãe, em casa de famílias ricas, a qual desempenhava diversas atividades domésticas. Desse modo, fora interrompida a oportunidade de estudar em uma escola com outras crianças da sua idade.

Após viajar por cidades do Triângulo Mineiro e também do interior de São Paulo, assumindo distintas funções laborais, em busca de melhores condições de vida, Carolina enfrenta uma doença que aos poucos não lhe permite trabalhar. Assim, a futura escritora busca tratamento médico. Em suas memórias registrou:

[...] Eu passava os dias lendo os *Lusíadas* de Camões, com o auxílio do dicionário. Eu ia intelectualizando-me, compreendendo que uma pessoa ilustrada sabe suportar os amargores da vida.

[...] Por ter tomado muitos remédios, minhas pernas estavam cicatrizando. Comecei a fazer projetos. — Vou ficar boa. Hei de conhecer a cidade de São Paulo. O povo dizia que era a cidade favo de mel. Em São Paulo tem um bairro que se chama Paraíso. E a cidade de São Paulo é um paraíso para os pobres. É o estado do Brasil que tem mais estradas de ferros (JESUS, 1986, p. 177).

Na concepção de Carolina de Jesus a leitura não era uma opção, mas sim uma condição, a leitura a oportunizava viver melhor, mais precisamente, a ter sonhos imersos na expectativa de uma vida melhor. Então, do mesmo modo, como diversos brasileiros foi ludibriada com a visão de que a cidade de São Paulo era o sinônimo de um paraíso e, diante das inúmeras situações vividas por ela, resolve morar na cidade que lhe trazia a esperança de recomeçar, oportunizando-lhe uma nova etapa em sua trajetória. Assim, migra para capital paulista na década de 1930.

Em seus escritos, Carolina detalha o seu contentamento ao adentar no solo paulista. São Paulo, nessas memórias, seria o centro do Brasil, consagrado como a espinha dorsal do nosso país. Ao chegar em São Paulo tecia um projeto de comprar uma casa e sobreviver dignamente. Embora não concretizando seu sonho, Carolina conheceu o dualismo de São Paulo, uma capital que na época passava por muitas transformações.

A cidade representava, portanto, a oportunidade para melhorar sua condição financeira e, conseqüentemente, sua vida, mas ao preço de muita luta pela sobrevivência. Deslumbrada com as possíveis oportunidades, Carolina Maria de Jesus desejou voltar sua atenção para a leitura e a poesia, tendo por objetivo viver a vida como poetisa, expressão utilizada pela autora para se autodenominar, buscando, portanto, galgar o tão sonhado sucesso nos circos, nas festas populares e nos jornais. No entanto, o conceito da cidade acolhedora, logo caiu por terra.

Destarte, a realidade foi dura, desempenhando várias funções: babá, empregada doméstica, lavadeira, mas não demorava muito em um emprego, por causa do seu gênio forte. Dentre as experiências laborais, chegou a trabalhar na casa do Dr. Zerbini, médico que fez o primeiro transplante de coração do país, local em que, nos finais de semana de sua folga, pedia para ficar na biblioteca, lendo as obras do acervo. Entretanto, quando ficava desempregada, dormia nas ruas da cidade.

Quando engravidou do primogênito, as coisas ficaram ainda mais difíceis, pois a gravidez dificultava a obtenção de trabalho, tornando-a moradora de rua. Por isso, começou a catar lixo e trocar por dinheiro para garantir seu sustento. No meio do lixo recolhido, selecionava alguns papéis para escrever poemas e músicas. Como a capital experienciava um processo de modernização violenta, os moradores de rua foram recolhidos, por meio de caminhões, e jogados na Favela do Canindé, hoje extinta, que estava em processo de construção.

Entre os que foram despejados estava Carolina que, concomitante, com os demais moradores agregava a esfera dos excluídos, dos miseráveis e dos marginalizados. Nesse novo espaço, passou a ocupar o barraco número 9, da Rua A, confeccionado com restos de madeira de construção, papelão e latas. Em geral, os barracos não ofertavam nenhum conforto para os moradores, sendo agravada a situação devido as enchentes, pois estavam às margens do Rio Tietê. Esse aspecto, desencadeava sérios problemas relativos às questões sanitárias (doenças como esquistossomose e leptospirose, transmitidas por caramujos e ratos eram recorrentes) e mesmo a destruição dos barracos.

Após o nascimento do primeiro filho, sua rotina se intensificou muito. Como não tinha com quem deixar o menino, tinha que levá-lo para catar o lixo, vender e comprar o que mais

necessitava. Logo o segundo filho nasce e três anos depois a filha. Filhos de pais diferentes, criou sozinha os três, recebia apenas uma pequena ajuda do pai de Vera Eunice. Entretanto, entre os afazeres de uma vida difícil, Carolina encontra tempo para se dedicar à leitura e à escrita. Assim, começa escrever suas impressões sobre a vida que levava na favela.

Essa escrita se tornou uma espécie de válvula de escape para desabafar as desigualdades, as quais sofreu ao longo de sua vida. Em grande medida, a obra de Carolina Maria de Jesus resulta da sua experiência. Sobre essa questão, como explica a professora e crítica literária Eneida Maria de Souza: “Os bastidores da criação, as experiências vividas pelos autores ligadas à produção literária e existencial, constituem lugares ainda desconhecidos pela crítica, e que deverão ser levados ao conhecimento público” (2010, p. 26).

Assim, é possível perceber como a escritora, em sua obra, consegue apresentar o contexto o qual estava inserida, em especial, os dilemas vividos para driblar as trágicas consequências provenientes das desigualdades sociais. De modo louvável, a autora escancara ao público detalhes tão cruéis e certamente inimagináveis.

Os originais de Carolina Maria de Jesus foram publicados, com seu consentimento, por Audálio Dantas. Esse jornalista, presencia um episódio em que a autora discutia com as vizinhas em decorrência dos maus tratos e das fofocas que praticavam a seu respeito. Na ocasião, Bitita ameaçou colocá-las no seu livro. O jornalista ficou curioso e, após consultá-los, percebeu o potencial daquela escrita. Então, Dantas a auxiliou na publicação da obra que a projetou para o mundo, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

O livro, em formato de diário, foi publicado pela livraria e editora Francisco Alves, em agosto de 1960. Essa edição narra os acontecimentos entre 15 a 28 de julho de 1955 e de 2 de maio de 1958 a 1º de janeiro de 1960. O livro foi um sucesso editorial e, nos três primeiros dias de sua publicação, foram vendidos mais de três mil exemplares. A obra, posteriormente, foi traduzida para várias línguas e distribuídas em diversos países.

No livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Carolina relata de modo realista e impactante o cotidiano e os desafios enfrentados pelos moradores da Favela do Canindé, explicitando a luta pela sobrevivência, a realidade dos favelados no decorrer da década de 1950, pautada na violência, na fome, na miséria, nos costumes dos habitantes, nas dificuldades enfrentadas pela falta de água encanada, energia elétrica, saneamento básico, obtenção de comida, nas inúmeras doenças, nas enchentes do Rio Tietê que assolavam diretamente a favela, além de outros males.

Carolina começa a escrever o diário no dia 15 de julho de 1955, logo nas primeiras linhas, evidencia-se o dissabor de uma mãe que não tem recurso financeiro para adquirir um

par de sapatos no intuito de presentear a filha, Vera Eunice, no dia de seu aniversário. A alternativa foi aproveitar um par de sapatos encontrados no lixo, assim como outros objetos que foram vendidos para comprar alimentos. Essa cena, por sinal, persistirá por todo diário, na rotina diária de saciar a sua fome e a de seus filhos. Inclusive a fome consistirá em uma personagem presente em toda obra, espécie de bordão traumático da narrativa: "...resolvi tomar uma média e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou aos meus olhos" (JESUS, 2014, p. 44).

Por sinal, a rotina de sofrimentos é uma das características desse relato testemunhal. Algo quase maquinal: busca água, faz o café, vende o material recolhido no lixo, compra alguns gêneros alimentícios e artigos de limpeza, em seguida sai para trabalhar. Pode-se inferir que a narrativa ocorre em um encadeamento cíclico, ao qual os fatos reais ocorrem paralelos aos sonhos e a utopia da escritora-personagem. Evidencia-se, desse modo, uma escrita que ultrapassa o real imediato em busca do ficcional, pois escrever configurava a válvula de escape para suportar a dureza da vida que levava. Um exemplo é quando a personagem usa a imaginação para fingir que estava num lugar melhor:

12 de junho de 1958... Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu comtemplo as flores de todas as qualidades (...). Eu preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (JESUS, 2014, p. 58).

É possível perceber como a autora conceituava a escrita como redentora de sua vida. Ou seja, o viés que poderia promover, mesmo através da fantasia, sua ascensão social. Por outro lado, a revolta está implícita na narrativa pois, mesmo que estivesse doente, necessitava trabalhar para comprar uma refeição no dia seguinte. Essa necessidade constante, fazia com que Carolina recolhesse do lixo não só papel, mas ferros e latas que tinham um melhor valor comercial. A condição de mulher trabalhadora, entretanto, não faz submergir a poetisa sonhadora:

2 de maio de 1958... Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo [...] Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amável as crianças e aos operários (JESUS, 2014, p. 30).

Carolina denota a favela como um quarto de despejo em que se joga tudo o que não tem valor para o restante da cidade. A favela é o espaço para o que está em más condições ou que não presta. Essa distinção que a escritora aborda durante toda narrativa expressa a discrepância

das classes sociais. A autora não abranda quando retrata a fome. Na sua escrita, põe em pauta o seu lugar de fala e o espaço destinado aos seus iguais, além de tecer críticas ácidas ao sistema político por meio do uso de metáforas e poemas. Em seu relato, vê-se denúncias a todo instante:

8 de novembro... Fui fazer compras no japonês. Comprei um quilo e meio de feijão, 2 de arroz e meio de açúcar, 1 de sabão. Mandei somar. 100 cruzeiros. O açúcar aumentou. A palavra da moda, agora, é aumentou. Aumentou! (JESUS, 2014, p. 134).

Noutro trecho do diário, a catadora expõe suas atividades e preocupações enquanto mãe, provedora do lar que precisa cuidar dos filhos, garantir a segurança deles, suscitando um desafio para ela no sentido de que os vizinhos, o que se repete em outras passagens, implicam com seus filhos quando a mesma está ausente.

16 de julho de 1955... [...] Cheguei em casa, fiz almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os pessos vizinhos que eu tenho não dão socego aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanço. Eu estava nevorsa interiormente, ai maldizendo a sorte(...) Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, umas latas e lenha [...] (JESUS, 2014, p. 12).

A escritora, incrivelmente, tinha convicção do seu potencial literário. Sempre almejava ingressar no universo da literatura, pois acreditava que ao se tornar escritora mudaria o rumo de sua vida. Porém, embora tivesse conquistado a tão sonhada publicação do seu primeiro livro, o contexto social da época era pautado em problemas enraizados na sociedade que desencadeavam uma barreira de impedimento e invisibilidade de sua carreira literária.

Mesmo com o apagamento de sua produção literária, Carolina Maria Jesus é parte integrante da cultura afrodescendente que precisa, a cada dia, ser ressignificada, respeitada e valorizada. A escritora exhibe uma nuance particular, designada ao fato de ser uma mulher negra favelada, que escrevia, categoricamente, denunciando as mazelas sociais da época, com um teor ácido de revolta, o que era incomum naquela conjuntura social.

A carreira de Carolina apresentou uma trajetória de ascensão e declínio, de modo célere e efêmero. Alguns estudos atribuem, tal oscilação, ao fato dela ser uma escritora negra. Ou seja, o sucesso inicial estava associado às diferenças que autora negra representava, enquanto o esquecimento, posterior e imediato, justificava-se por não se adequar aos padrões da elite econômica e intelectual brasileira. Sobre essa questão, de acordo com José Carlos Sebe Bom Meihy, no artigo *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio* (1998), o esquecimento dessa autora não faz sentido, uma vez que a forma peculiar da produção literária de Carolina Maria

de Jesus agregaria importância simbólica ao patamar das mulheres escritoras, especialmente, pelo símbolo que a autora poderia representar: “Curiosamente, o testemunho daquela mulher que revelou com tanta intimidade as agruras fica descartado do montante crítico das brasileiras que, de modo geral, insistem em garantir crédito às experiências estrangeiras em vez de olhar o (nosso) próprio lado” (MEIHY, 1998, p. 90).

O autor ressalta a insistência da literatura brasileira em desvalorizar a produção literária que trata as mazelas sociais nacionais de modo realista, cru e sensível. A autora-narradora Carolina Maria de Jesus, na obra em estudo, tem a essência de surgir em um meio dotado de dificuldades sociais em detrimento da desigualdade social que permeia o ambiente das favelas. A escrita testemunhal, em meio à miséria que vive, provoca comoção no público leitor. Contudo, não é considerada, pelos setores hegemônicos, devido às suas origens sociais e ao duplo preconceito associado à uma mulher negra.

Para além desse percurso de êxito e declínio, Meihy destaca o quão cruel é o tratamento dispensado por nossa elite intelectual a essa escritora, uma vez que desconsideram o caráter literário da obra *Quarto de despejo*, enquadrando-a no viés de um relato social, espécie de entretenimento da vida dos pobres. Embora haja essa rejeição, muitos consideram a obra e a vida de Carolina importante como objeto de estudo e fonte de conhecimento acerca das mazelas sociais que assolam as classes menos favorecidas. Entretanto, enquadrá-la, meramente, no âmbito das ciências sociais, desqualifica seu trabalho como escritora.

Deve-se considerar, sobre esse tema, de acordo com o estudo realizado pela pesquisadora Eneida Maria de Souza, no artigo intitulado *Crítica Genética e Crítica Biográfica*: “[...] A preservação da liberdade poética da obra, na reconstrução de perfis biográficos, consiste no procedimento de mão dupla, ou seja, reunir o material poético ao biográfico, transformando a linguagem do cotidiano em ato literário” (2010, p. 26-27).

O fato é que, no Brasil, dissertar sobre a fome e a miséria traz um sério risco de caracterizar a narrativa no patamar de cunho social e não literário. Porém, a autora faz as duas coisas. Se por um lado, a obra de Carolina é crucial para entender as classes sociais por meio da análise sobre a condição daqueles que são privados dos direitos humanos de ter moradia e comida, além de acesso à saúde, à escolaridade e ao emprego; por outro, é preciso reconhecer que a escritora faz isso com recursos literários que são capazes de sensibilizar o leitor, na obra como um todo, com passagens poéticas. Assim, a narrativa conduz o leitor, por meio do diário, levando-nos a conhecer a trajetória de vida da autora-narradora, dos seus vizinhos e de suas agruras diárias.

2 VIVER EM SOLIDÃO, MAS NÃO SOLITÁRIA

Não casei e não estou descontente. O que preferiu me eram soezes e as condições de vida que eles me impunham eram horríveis (JESUS, 2014, p. 17).

No decorrer da primeira sessão a discussão foi tecida dando enfoque na inspiradora trajetória de Carolina, que como foi elucidado era permeada pela desigualdade social, pela violência de gênero e pelo racismo, além de uma belíssima nuance de superação: a escrita. Contudo, como a autora estava sempre norteando o epicentro da polêmica, suscitou uma dúvida: a solidão de Carolina.

Com isso, ao adentrarmos no universo biográfico da autora, podemos constatar que desde a infância Carolina, embora uma criança, demonstrava indignação com comportamentos de obediência cega por parte das mulheres de sua cidade natal, Sacramento (MG), aos homens, notadamente os maridos. Podemos evidenciar, tal questão, com um lamentável episódio vivenciado pela autora que se perpetuou como uma memória de infância, uma vez que sendo filha de mãe solteira, chefe de família, dona Cota, sua mãe, precisava deixar as crianças com a avó, Siá Maruca, pois era a única da família que ficava em casa, dado o caráter conservador e severo do seu esposo Benedicto. A avó de Carolina, que tinha uma profunda admiração da neta, mas neste ocorrido, a menina ficou revoltada:

Certa vez Siá Maruca lavou umas roupas para uma senhora da vizinhança e com o dinheiro que ganhou na realização do prestativo serviço comprou a farinha que faltava na mesa de casa. Quando Benedicto chegou à casa e sentou-se à mesa para o jantar e percebeu a farinhada, inquiriu secamente mulher que contou o que havia, afinal, acontecido. Na mesma hora Benedicto como chefe de família, tirou o cinto e aplicou uma surra na mulher, ali mesmo, na sala de jantar. Disse que não admitia um desaforo daquele em sua própria casa. Siá Maruca, contrita, mas resignada, continuou a servir o jantar do esposo (FARIAS, 2017, p. 39).

Diante do conteúdo exposto no trecho acima, pode-se inferir que Carolina desde nova já tinha uma personalidade forte, que não aceitava a tradição machista conservadora vigente na sociedade, dando indícios que na sua história possivelmente não iria ceder as atitudes submissas e conformistas propagadas pelo machismo, por mais que estivesse inserida em um contexto social extremamente patriarcal.

Ao longo da narrativa de seu diário, Carolina a todo momento vai delineando a sua opção de ser sozinha de um modo peculiar, consistente e bem fundamentado. Sendo assim, a personagem narradora claramente exhibe uma concepção de que ter um companheiro era na

verdade submeter-se ao que muitas mulheres da favela vivenciavam uma atmosfera imbuída em: fofocas, brigas e violência, exploração, traições, que nítida corroboram para compreendermos que a autora optou, deliberadamente, por não partilhar sua vida com ninguém.

A autora vive imersa em um cotidiano complexo dotado de episódios lamentáveis de violência doméstica e isso implica em uma aversão ao casamento, uma vez que Carolina passa a concebê-lo como algo suspeito, inseguro, capaz de acarretar danos a figura feminina. Observe-se o registro da autora: “**17 de julho...** A Sílvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão” (JESUS, 2014, p. 14).

No ambiente da Favela do Canindé, muitas mulheres viviam relacionamentos abusivos, os quais são subjugadas a conviver situações depreciativas, causando-lhes dor e sofrimento. Quando não é isso, outro fator denunciado é a traição. Desse modo fica evidente a repugnância da autora com esse nível de relacionamento, calcado na discórdia e na opressão:

30 de junho... Eles brigam sem saber porque é que estão brigando. As vizinhas contou-me que a Odete jogou água fervendo no rosto do seu companheiro. Hoje vários homens não foram trabalhar. Coisa de segundas-feiras. Parece que eles já estão cansados de trabalhar” (JESUS, 2014, p. 78).

Nesse contexto, Carolina enfatiza mais uma vez, algumas consequências de relações amorosas onde a figura feminina se encontra em uma posição desfavorável, fruto da sociedade machista. Portanto, a autora opta por viver a solidão conjugal do que ter que se submeter a uma condição infeliz como esta.

18 de julho... A minha porta atualmente é teatro. Todas crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatorios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela (JESUS, 2014, p. 16).

Os relatos de Carolina nos conduz a percepção de sua escolha em não ter um companheiro justamente, por ter uma visão muito à frente do seu tempo e não concordar em manter uma relação que não fosse efetiva, norteadas pela afetividade, pela cumplicidade, pelo respeito, ou seja, até mesmo pelas situações experienciadas consigo e no seu entorno, isso a fez perder a confiança nas relações amorosas, visto que as relações abusivas também era uma constante, como também essa escolha pode estar respaldada na história da mulher negra e a

violência que ela sofre no decorrer da vida em que se configuram nos estereótipos do preconceito racial e de gênero. Outro ponto pertinente é que para Carolina, uma relação com esse caráter de submissão poderia consistir em um obstáculo para conquistar uma vida digna por meio da escrita. Com isso, a autora decide ser só, para ser livre e lutar em prol do seu sonho.

Carolina se sente orgulhosa pelo fato de não depender de homem ou das esmolas ofertadas pela igreja, pois para enfrentar as adversidades de sua dura vida, ela com firmeza e resiliência cata papéis e ferro no intuito de garantir o seu sustento e dos filhos. Dessa forma, sua independência e autonomia é encarada como um triunfo, um mérito contra a exploração masculina: “**19 de julho...** Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais (JESUS, 2014, p. 20)”.

A todo momento, Carolina segue tecendo uma crítica ferrenha ao comportamento dos homens da favela, demonstrando que, nesse espaço, as agruras não acometem somente o âmbito social, mas também as relações afetivas. Percebe-se que a autora tem a clara noção de sua solidão, por isso expõe um reconhecimento muito sereno, que rompe com a noção de um isolamento maléfico, mas, sim, uma decisão muito madura reafirmada nas nuances de seu contentamento e de uma escolha inteligente, capaz de abrir portas para uma condição de vida qualificada e digna.

Na visão de Carolina era preferível viver na solidão do que estar com um companheiro explorador: “**21 de julho...** Não tenho marido e nem quero” (JESUS, 2014, p. 23). A solidão que está em pauta, neste estudo, centra-se como fator a não ter um companheiro efetivo. Alguém com quem partilhar a sua vida, comungando das intimidades, dos dilemas diários, enfim, da vida como um todo. Geralmente, na sociedade as pessoas tendem, incessantemente, buscar essa completude, esse alguém para se relacionar e, muitas vezes, isso acontece pela ausência de alguém para se encaixar nessa função. No entanto, no que tange a vida de Carolina, notadamente, ela tinha várias opções de relacionamento amorosos. Porém, de modo enérgico, a autora escolhe não ter companheiro, o que representava para o olhar social uma vida em solidão, mas, em verdade, era um exercício de poder ser livre das mazelas amorosas.

Essa opção, entretanto, não a impedia de manter relacionamentos eventuais, inclusive com frustrações: “**15 de julho...** Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleiteime. Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoral e deitei-me novamente” (JESUS, 2014, p. 11). Podemos comprovar nesse trecho que Carolina, decididamente, não tem a intenção de firmar um casamento institucionalizado ou mesmo firmar qualquer compromisso estável. Pela forma peculiar de referir-se a “um certo alguém” de modo vago, impreciso e indefinido, conota-se que a autora está ciente de sua opção. Portanto, atenta a uma possível

armadilha que ponha em risco sua liberdade ao construir uma relação mais efetiva com um “alguém”. Afinal, um passo errado poderia acarretar a recorrência de uma vida congruente as demais mulheres do seu entorno.

Ao longo da narrativa se identificam vários momentos em que os possíveis pretendentes demonstram sua intencionalidade em se comprometer, “a sério”, com Carolina e, obviamente, foram preteridos. A seguir, destacaremos algumas passagens mais expressivas sobre o tema, como o caso de Seu Gino, em que Carolina escreve:

27 de julho... Seu Gino diz que eu estou lhe desprezando. Disse-lhe: Não! É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. Seu Gino insistia. Mas o meu coração não pede para eu ir no quarto dele (JESUS, 2014, p. 27).

Por meio da afirmação de Carolina, nota-se que ela seguramente vive com autonomia, segura de si, focada em sua meta que é produzir um livro, ou seja, utilizar a escrita como uma ponte de galgar o sonho de viver uma metamorfose na sua vida e modo que, veementemente, recusa esse compromisso e o fato do seu coração demonstrar um sentimento averso a sua ida é uma espécie de interiorização, quando na verdade ela sabe o imbróglio para uma mulher da favela ao se submeter a um relacionamento.

Carolina, em seu diário, demonstra sentimento pelo português Manuel. No decorrer da narrativa ele aparece de alguma maneira namorando-a ou ajudando-a com as crianças. Ele quer muito se casar, mas ela não aceita:

2 de junho... O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. Ele deu-me 50 cruzeiros e eu paguei a costureira. Um vestido que fez para a Vera (JESUS, 2014, p. 49).

Carolina não teme somente conviver com um homem, mas, nitidamente, exhibe o receio de ter que abdicar da escrita para servir ao marido. Neste fragmento elucidamos o ponto crucial da solidão da escritora. Pois, naquele contexto social, a uma mulher não era atribuída a função de escritora. Principalmente, sendo uma mulher negra, pobre e favelada. Assim, de algum modo, o pretendente está sendo trocado pelos instrumentos do ofício de escritora que, para Carolina, eram mais importantes. Desse modo, a escritora opta, livremente, em viver só pelo fato das experiências amargas com os homens, por atingir um grau de maturidade que a conduziu a sensatez e ao discernimento de que era preferível a solidão, à certas companhias que

castrariam a sua liberdade enquanto mulher, a sua paz e a busca pelos seus ideais, como escrever.

Entre todos os pretendentes, aquele que mais agradou a Carolina foi o cigano Raimundo, que possuía um terreno em Osasco e lhe oferta, em uma eventual necessidade, caso a favela seja extinta. Raimundo é bonito e intelectual, gosta de música e arte. Além disso, sabe ler, mostrando aptidão com os livros e é afetuoso com Carolina. Esse pretendente serviria para companheiro, foi o único com quem Carolina realizou trocas simbólicas através de palavras, porém é andarilho e não quis permanecer em Canindé. Atitude que Carolina repreendeu, assim como o olhar de Raimundo para com as meninas mais novas. Curiosamente, o cigano mexe com a emoção de Carolina que se percebe encantada com os filhos dele e no ambiente poético que criam. A aproximação se concretiza nas nuances mais intrínsecas que ambos percebem um no outro. Em especial, o prazer em ler, ouvir boa música e nos momentos que estão juntos compartilham situações em que Raimundo se compara à imensidão do mar e à queventura do sol. Observe:

31 de dezembro... Fui na casa de um cigano que reside aqui. Condoeu-me vê-lo dormindo no solo. Disse-lhe para vir no meu barraco. Quando a noite surgiu, ele veio. Disse que quer estabelecer, porque quer por os filhos na escola. Que ele é viúvo e gosta muito de mim. Se eu quero viver ou casar com ele. Abraçou-me e beijou-me. Contemplei a sua boca adornada de ouro e platina. Trocamos presentes. Disse-me que se eu casar com ele que retira-me da favela. Disse-lhe que não me adapto a andar nas caravanas. Disse-me que é poetica a existência andarilha. Ele disse-me que o amor de cigano é imenso igual ao mar. É quente igual ao sol. Respondi-lhe que eu tenho uma vida confusa igual um quebra-cabeça. Ele gosta de ler. Dei-lhe livros para ele ler (JESUS, 2014, p. 149).

Diante do exposto, pode-se elucidar que Carolina mediante as circunstâncias que estava imersa, frente aos dissabores experimentados durante a sua trajetória, opta por viver a solidão que, nesse caso, por ser de livre escolha ecoa e simboliza o exercício de liberdade. Com isso, ela renuncia a relação amorosa em detrimento da busca de uma realização pessoal e profissional. Além disso, quebra paradigmas de submissão marcantes no modelo social vigente. Carolina ao tomar atitude dessa amplitude, demonstra que está à frente de seu tempo, impactando o mundo e preconizando a resistência, o empoderamento feminino, a força da mulher. Torna-se o ícone da inspiração no engajamento de uma luta que hoje denominamos feminista, reafirmando que é possível abdicar e renunciar relacionamentos aviltantes, abusivos e, sobretudo, abominando a violência contra a mulher. O contentamento expresso na solidão solidifica e fundamenta as possíveis vivências embasadas em viver só e feliz a uma vida marcada pelo matrimônio destrutivo.

Certamente, a missão de Carolina era denunciar, polemizar e impulsionar as mulheres vítimas de qualquer tipo de violência. A autora versava seu desgosto, não por ser uma mulher solitária, mas em ser mulher naquela época, assim, resignadamente, soube ser livre para tornar-se uma escritora de grande sensibilidade que usa a poesia para aguçar e delatar os infortúnios sociais. Vale ressaltar, que tudo isso em um contexto histórico enraizado na figura feminina como materna e jamais com a função de escritora, ainda mais negra, pobre e favelada. Assim, Carolina concebeu e aglutinou uma nova modalidade de solidão: libertadora, realizadora e humana.

Diante do exposto, devemos destacar que a solidão experienciada por Carolina era referente a solidão conjugal ao passo que a autora não vivia estritamente sozinha, sem a presença de outras pessoas ou relações afetivas, como é o caso da sua convivência com os seus três filhos, aos quais mantinham uma relação de amor recíproca e por quem Carolina demonstrava um amor incondicional. A prole era fonte de inspiração, eram um dos fatores que condicionava a sua luta diária para assegurar o alimento e a segurança familiar. Além disso, Afinal, Carolina almejava ascender socialmente para ofertar qualidade de vida aos filhos, como podemos observar:

1 de junho de 1958... É quatro horas. Eu já fiz almoço, hoje foi almoço. Tinha arroz, feijão e reponho e linguiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está no alcance do favelado, fico sorrindo atôa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante (Jesus, 2014, p. 49).

Assim, nota-se que Carolina, justamente por não ser solitária, tinha fome, porém não exclusivamente a fome de alimento, mas sim uma fome de uma vida digna, fome de igualdade social, de torna-se uma escritora reconhecida e angariar o melhor que pudesse para os seus filhos, ou seja, fome de ter algo bom na vida.

Além disso, no seu entorno, Carolina mantinha uma relação amistosa com o seu Manuel que sempre vinha visitá-los com o intuito de auxiliá-la, demonstrando por esta um grande apreço e admiração, pois era nítido o esforço que a autora empreendia para obter o sustento honesto da sua família.

Outra relação de amizade que devemos salientar foi com o repórter Audálio Dantas, inclusive este foi aquele quem essencialmente corroborou com a metamorfose na vida de Carolina, pois foi por sua mediação que os escritos da autora foram encaminhados a uma editora e, por fim, publicados. Com isso, ilustra-se que a solidão de Carolina seguiu estritamente o viés de uma relação conjugal e que esta não se isolava do convívio social e familiar. Desse modo, constatamos que a autora vivia por escolha própria a solidão conjugal, mas não vivia solitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero o estudo em questão de extrema relevância, ao passo que certamente potencializará a luta das diversas instâncias tais como: a sociedade, a mulher, as relações afetivas, as militâncias, o universo acadêmico, literário e escolar. Isso, justamente por ter como ponto central a vida e a escolha da solidão para ter liberdade, um dos maiores símbolos de resistência, audácia e autonomia: Carolina Maria de Jesus.

Essa autora, mesmo inserida em um contexto sócio-histórico altamente limitador, patriarcal, rígido, engessado no preconceito e no machismo perante a mulher, principalmente negra, levantou a bandeira, incansavelmente, a favor de melhorias em todos os âmbitos, por mais que as condições fossem inóspitas e tudo confabulasse em desfavor na sua vida. A autora com pouca escolaridade, mas determinada a escrever, encontrou na escrita uma alternativa para superar o caos diário da sua vivência. Deste modo, excepcionalmente, utilizando a poética, conseguiu transpor as facetas de uma vida emaranhada na fome, desigualdade social, racismo, discriminação social, miséria. Experiência, infelizmente, comum àqueles que procuravam, na metrópole São Paulo, uma oportunidade de viver dignamente, porém a desqualificação profissional, a ausência de recursos financeiros dilacerou as condições de viver bem e acessar a igualdade, às vezes prevista em legislações, mas esquecidas aos pobres da sociedade.

Assim, de modo singular Carolina soube ter um olhar sensível e reconheceu na literatura a oportunidade de argumentar, enfaticamente, em favor dos pobres e oprimidos do seu tempo, escancarando os danos oriundos da injustiça social, dos desmandos dos políticos, da discriminação e da violência contra a mulher. Destarte, a atitude de Carolina é fonte de inspiração, abrindo um leque de oportunidades para qualquer indivíduo, pois soube demonstrar que independentemente da situação caótica em que estava imersa, por meio do estudo é possível reverter a situação, uma vez que a mesma era uma catadora de papel que ascendeu a posição de uma escritora capaz de conquistar o público. Para tanto, soube utilizar a veracidade dos sofrimentos da sua vida, escrevendo suas memórias com as dores profundas da alma e do coração, libertando a voz de modo profícuo.

Outro ponto, preponderante nesse estudo, buscou destacar a solidão conjugal, proposital e deliberada articulada por Carolina, que contribuiu para sua autonomia, permitindo-lhe, ao menos até o lançamento de sua obra clássica, escrever de modo altivo, fazendo valer sua voz. Algo inesperado para uma escritora negra e favelada. Ainda no contexto contemporâneo é latente o apagamento e o silenciamento das vozes negras, o que demonstra o feito dessa escritora.

Ademais, manter viva os estudos sobre a obra e a biografia de Carolina Maria de Jesus, não apenas mostram a realidade da vida difícil nos espaços periféricos, mas, sobretudo, inspira outras mulheres a busca por uma vida digna, livre da opressão de gênero, da submissão a uma sociedade patriarcal, assim como outras violências correlatas. Além disso, o campo literário experimenta uma grande carência de análises no campo de produções de autoria feminina negra, capaz de melhor compreender as suas dores, fraturas, cicatrizes, também que possa delatar o seu algoz, nesse caso, o preconceito de gênero, a discriminação social e o racismo. Pois, as evoluções são constantes no cenário atual, entretanto, o preconceito persiste, muitas vezes velado, camuflado no mito da democracia racial, como também na falsa equidade social e na igualdade de gênero.

Dessa forma, a escrita de Carolina tem a possibilidade de levantar a reflexão do público leitor, consistentemente, pelo respeito em todas as esferas, por ter a oportunidade de viver integralmente sem ter transgredido sua dignidade e integridade, independentemente de sua raça, cor, gênero, poder aquisitivo ou pela sua opção quaisquer que sejam. Visto que, muitas vezes a sociedade e os espaços propícios para propagar o respeito, a inclusão, como o próprio ambiente acadêmico, são palco de múltiplas vertentes do preconceito, da discriminação e da humilhação. Assim, é preciso fazer com que as ideias e os discursos pela inclusão sejam materializados e concretizados.

Contudo, o objeto fulcral do presente estudo é a solidão de Carolina Maria de Jesus na obra *Quarto de Despejo*, ao passo que consiste em um ato de escolha, uma opção louvável já que assegurava o seu bem-estar, sua saúde mental, em detrimento das experiências infelizes de outras mulheres pertencentes a Favela do Canindé. A autora consolida uma concepção de aversão às relações afetivas “formalizadas”. A principal contribuição desse estudo consistiu em perceber esse aspecto na obra em análise pois, ainda hoje, recai sobre a figura feminina responsabilidades que os homens, comumente, recusam assumir e que se agravam dentro de relacionamentos refletidos pela submissão à violência física, moral e psicológica. Enfim, por mais que haja um grande engajamento social no combate a essa terrível condição de muitas mulheres, a situação da violência perante a figura feminina ainda se mantém, absurdamente.

Então, pretendo com esse estudo estimular, por meio do exemplo de Carolina, a coragem de transformar essa realidade. É preciso que as mulheres se permitam buscar essa solidão que condiciona o amor-próprio, o autocuidado, uma solidão capaz de libertar da dor, da opressão, da angústia e que conduza a buscar a si mesma com primor. Ou seja, busquei reconhecer em Carolina um vetor de inspiração, já que por mais que as condições fossem adversas, ela teve a

inteligência e a força de lutar só, ao invés de submeter-se às situações degradantes, pelo mero fato de ter um companheiro.

Carolina seguiu firme, independente, autônoma, mostrando que é possível ser empoderada em qualquer circunstância e esse é o fator essencial: abrir os olhos das mulheres, de modo a buscar a sua paz interior, sua felicidade, sua independência, seu espaço no melhor patamar que puder. É preciso despertar na mulher, e na sociedade como um todo, a renúncia da letargia. Faz-se necessário sair em busca de um mundo melhor, como coloca a autora que afirmara que com ela o mundo jamais seria o mesmo. Vamos inspirar essa sede por um mundo mais justo e igualitário!

Concernente ao campo de ensino, ao qual atuarei como futura professora de Língua Portuguesa, vejo uma amplitude de oportunidades para trabalhar a biografia e a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, pois os discentes terão a chance de conhecer uma história de superação da fome, do preconceito, das agruras e, quem sabe, inspirados nesse belo livro, galgar um rumo novo, por meio da escrita. Portanto, o estudo desta, poderá suscitar o gosto pela leitura e escrita, também na construção do respeito e da empatia. Além de trabalhar no resgate da valorização da cultura afro-brasileira por meio de um ensino baseado na importância desta literatura, como também intensificar e explicitar a questão do preconceito linguístico. Precisamos efetivar a voz de Carolina e lutar pela existência de mais Carolinas para libertar o mundo das mazelas cruéis da sociedade vigente.

Diante do que foi elucidado, nesse estudo, podemos constatar que a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* é uma obra altamente qualificada e que deve fazer parte, frequentemente, do universo de estudo tanto dentro da Universidade quanto na Educação Básica, pois embora esteja completando sessenta anos de sua existência, as questões apontadas nessa obra dialogam, perfeitamente, com a contemporaneidade e as problemáticas que persistem. Com isso, é perceptível que Carolina tinha uma visão a frente de seu tempo, portanto, não tinha medo ao romper com os princípios e os paradigmas com os quais não concordava. Então, podemos também evidenciar que a sua sensibilidade respaldava o seu amadurecimento frente a decisão de viver uma solidão intrínseca a sua liberdade, que podemos comprovar por meio da sua literatura. Carolina, num contexto muito desfavorável, soube exercer sua liberdade e, por conta dela, galgou passos importantes em sua vida, repleta de resiliência, força e resistência.

REFERÊNCIAS

DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 109-143, 2021.

FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. *REVISTA USP*, São Paulo, v. 37, mar./maio 1998, p. 82-91. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/27047>>. Acesso em 18/09/2021.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica genética e crítica biográfica. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 25-29, out./dez. 2010. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/8549/6063>>. Acesso em 18/09/2021.

Emitido em 16/02/2022

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 25/2021 - CFP (11.01.25)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 16/02/2022 10:01)

TARCISIO FERNANDES CORDEIRO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

1835542

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sistemas.ufrb.edu.br/documentos/> informando seu número: **25**, ano: **2021**, tipo: **DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS**, data de emissão: **16/02/2022** e o código de verificação: **249f974b73**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
COLEGIADO DO CURSO LICENCIATURA LETRAS:
LÍNGUA PORTUGUESA / LIBRAS / LÍNGUA INGLESA
CAMPUS AMARGOSA – BA**

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

Declaro que as correções sugeridas pela banca da defesa, foram realizadas na cópia final impressa e digital do Trabalho de Conclusão de Curso da discente Raphaela Thamilis Barbosa dos Santos de Castro, intitulado “Solidão, um exercício de liberdade em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus”.

Amargosa – Bahia, 6 de novembro de 2021.

Prof. Dr. Tarcísio Fernandes Cordeiro
SIAPE: 1835542

Emitido em 16/02/2022

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 27/2021 - CFP (11.01.25)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 16/02/2022 10:08)

TARCISIO FERNANDES CORDEIRO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

1835542

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sistemas.ufrb.edu.br/documentos/> informando seu número: **27**, ano: **2021**, tipo: **DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS**, data de emissão: **16/02/2022** e o código de verificação: **198a61cec8**